

ELO

Associação dos Deficientes das Forças Armadas

Propriedade, Administração e Redacção
 ASSOCIAÇÃO DOS DEFICIENTES DAS FORÇAS ARMADAS
 P. da Independência - Tel. 362167 - L. de S. Domingos - LISBOA
 Director: António J. Lavouras Lopes

Composto e impresso nas oficinas
 EDITORIAL MINERVA
 Rua da Alegria, 30 — LISBOA

EDITORIAL

As classes privilegiadas deste País encontram-se profundamente empenhadas em arrecadarem o poder por mais sabe-se lá quantos anos. O poder, que era dos fascistas, que foi do MFA, e nunca chegou a ser do Povo, está prestes a ser assumido, a título definitivo, pela burguesia. Será através de eleições, num mandato concedido pelo Povo. Aqui surge grande controvérsia: o Povo, que, como atrás referido, nunca assumiu o poder, vai delegar o poder na burguesia. Muito utilizada é a designação Povo! Aliás, como muitas outras, tal como socialismo, democracia, etc., mas tão raras vezes no seu verdadeiro sentido.

O MFA, que em 25 de Abril de 1974 levou a efeito um golpe de Estado, derribou o fascismo, assumiu o poder e prometeu dar início a um processo revolucionário, que chegou a proclamar-se movimento de libertação nacional, que se afirmava intransigente defensor dos desprotegidos, parece, esse mesmo MFA, prestes a abdicar de todos os seus intentos e objectivos e diluir-se nas Forças Armadas, donde, aliás, nasceu. Baseando-se no princípio que as Forças Armadas não existem para governar, os militares poderão recolher aos quartéis e confiar essa missão aos partidos políticos, passando, nos mesmos, a servir de garante ao cumprimento da democracia política.

Onde estão as Forças Armadas — movimento de libertação? Onde estão as Forças Armadas — motor da revolução? Onde estão as Forças Armadas garante da construção do socialismo? Onde estão as Forças Armadas prontas a proporcionar aos trabalhadores a tomada do poder? Com a justificação da existência de conotações partidárias em todas estas expressões, poder-se-á negá-las, repudiá-las até. Contudo, o seu significado real, que até pode ser traduzido noutras palavras, não se poderá repudiar sem correr o risco de indispor aquele povo que vai depositar o voto para delegar o poder nos seus representantes burgueses.

Mas as Forças Armadas, nos quartéis, serão as garantidas da democracia (não do socialismo). Sê-lo-ão essas Forças Armadas que não foram reestruturadas, que assentam nos mesmos princípios de organização interna em que assentavam no tempo de Salazar, Marcelo e guerras coloniais. Essas mesmas Forças Armadas, que foram defensoras do regime instituído de Marcelo e Salazar, que fizeram as injustas guerras que eles ordenaram, passarão a ser novamente defensoras do regime instituído. Mas que regime? Qualquer um, logo que seja instituído?

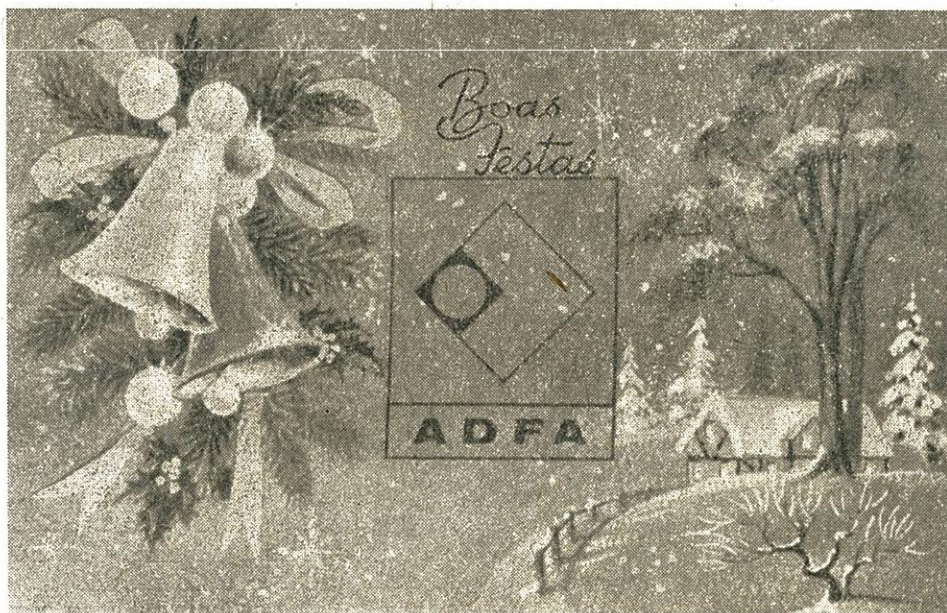
O Povo Português, que nos dias que se seguiram ao 25 de Abril de 1974 veio para a rua de crayons vermelhos na mão dizer obrigado aos seus soldados, às suas Forças Armadas, que confiou nelas como condutoras dum processo de libertação de terríveis formas de opressão e escravização, que confiou nelas como únicas capazes de criar uma sociedade justa e igual para todos, que, enfim, acreditou que uma das primeiras medidas seria pôr fim às trágicas guerras coloniais, esse povo português não expressa hoje, nem nas ruas, nem com os seus botões, a mesma confiança, nem as mesmas esperanças. De tudo o que o povo confiou e esperou, apenas o fim da guerra se concretizou, não sem que, contudo, muito sangue ainda se derramasse e derrame (Angola e Timor). Seria o fim das guerras coloniais o único objectivo a atingir pelas Forças Armadas, quando na madrugada de 25 de Abril se sublevaram e derrubaram aquele governo de triste memória? Esta questão começa a surgir insistentemente nos espíritos das pessoas.

NATAL 1975

Enquanto os trabalhadores de magro vencimento começam a fazer as contas e verificar para o que não dá o 13.º mês; enquanto os cegos, os amputados, os abandonados, os desesperados, os... estendem a mão à caridade

mais insistentemente nas esquinas, enquanto se lembram do Natal que não terão; enquanto lá na serra o camponês prepara a lenha mais seca para aquecer uma noite mais fria pela ausência do filho que ficou na guerra; enquanto isto, e muito mais, aqueles que sempre viveram do esforço, do trabalho, do suor e do sangue dos primeiros vão-se acotovelando nas lojas de modas e prendas, forçando a imaginação para gastar o dinheiro que não lhes falta.

Enquanto tudo isto, há uma revolução que passa, há uma justiça social que se constrói. Mas que revolução, que justiça, enquanto tudo isto?



A Associação dos Deficientes das Forças Armadas deseja a todos os seus associados e a todo o povo trabalhador um Natal Feliz e um Ano Novo cheio de melhor justiça social

Agradece e retribui também todos os votos de Boas Festas que lhe têm sido enviados.

DECRETO-LEI

A promulgação que não se deseja

Depois da Associação ter tido conhecimento que o Governo estava de facto decidido a promulgar o Decreto-Lei dos Deficientes das Forças Armadas nos termos em que o havia aprovado e que de maneira nenhuma correspondia àquele que havia sido elaborado com a participação da ADFA, como já é do conhecimento dos leitores deste jornal, os responsáveis da ADFA, entraram em contacto com o Conselho da Revolução no sentido de solicitar a esse órgão que esta situação fosse analisada numa das suas reuniões. Através uma nota dirigida pelos Serviços de Apoio ao Conselho da Revolução, da qual reproduzimos adiante uma cópia, a ADFA foi informada que o Decreto-Lei não seria promulgado sem a Associação ser ouvida. Isto constituiu uma esperança para milhares

de Deficientes que continuariam totalmente abandonados se o Decreto viesse a ser publicado nos termos aprovados pelo Governo. Contudo, essa esperança diluiu-se.

Para uma perfeita compreensão desta situação, passa-se a referir as diligências efectuadas pela Associação nos últimos dias:

Ao receber a notificação do Serviço de Apoio ao Conselho Superior da Revolução, a Direcção da ADFA aguardou contacto do Ministério da De-

(Continua na pág. 8)

O TETRAPLÉGICO NÃO DESISTIU

(Ver na pág. 2)

VIDA ASSOCIATIVA AOS FINS-DE-SEMANA

Como foi já noticiado num dos últimos números do «ELO», os serviços da Associação-Sede estão abertos aos sábados de manhã, para resolver quaisquer problemas que possam ser apresentados pelos associados e todas as pessoas em geral. De igual modo se encontra a Associação-Sede aberta aos sábados à tarde e domingos, podendo todos os sócios e seus familiares e amigos praticar a vida associativa.

Pretende-se assim proporcionar aos sócios, em pleno centro de Lisboa, a possibilidade de encontrarem, no Palácio da Independência, Sede da ADFA, actividades ou simples convívio com camaradas, durante o fim-de-semana. As actividades a desenvolver serão mais e melhores se o ritmo de frequência da vida associativa assim o justificar. Contudo, certos de que esse ritmo de frequência dependerá também da qualidade e quantidade das activi-

(Continua na pág. 6)

Tendo deparado nas páginas das Selecções do Reader's Digest, n.º 56, com a descrição de um caso, que, pelas suas características, se reveste de grande importância, sobretudo para deficientes limitados a cadeiras de rodas, passamos a transcrever parte desse artigo:

«Foi então que, inesperadamente, o desastre aconteceu. Ao executar um rápido salto mortal para escapar a um golpe do adversário, Gene sentiu o pescoço estalar e sua vista foi ofuscada por um súbito clarão. Quando recuperou os sentidos, viu que estava a ser transportado para uma ambulância.

A meia-noite, os neurocirurgiões já sabiam que acontecera o pior. Gene fracturara a coluna entre a quinta e a sexta vértebras cervicais e se tornara um tetraplégico (paralítico dos braços e das pernas), privado quase totalmente de movimentos voluntários do pescoço para baixo.

Internado na enfermaria de tratamento intensivo, Gene foi submetido a tracção rígida com a cabeça e o pescoço fracturado metidos num capacete formado por lâminas de aço. Ali iria ficar preso e imóvel durante seis semanas. Para evitar ferimentos causados por estar deitado sempre na mesma posição, Gene, na maca de lona em que se mantinha, era virado de duas em duas horas. Quando deitado de costas, via apenas o tecto; em posição ventral, observava o soalho através de uma pequena «janela» existente no colchão. Não podia ver os outros doentes que lutavam também para sobreviver, mas percebeu que três deles morreram durante a sua permanência ali.

De súbito, sentiu que devia reagir com determinação: *Cada um é responsável por seus próprios actos. No momento decisivo, aquilo que você faz ou é só a si diz respeito.* Decidiu que, viesse a ganhar ou a perder a «partida», iria comportar-se de maneira que ele e sua família pudessem ficar orgulhosos.

O jogo endureceu. Em Fevereiro, surgiram infecções nos rins e na bexiga. A febre atingiu 40 graus. Uma bursite nas articulações das maxilas tornou-lhe difícil até mesmo a ingestão de alimentos líquidos. Perdeu 34 quilos. Embora tivesse recuperado a capacidade de respirar quase normalmente e de mover um pouco os braços, seus dedos, no entanto (e o resto do corpo abaixo da região peitoral), continuavam paralisados. Tentou pensar unicamente em coisas agradáveis. As visitas que os antigos companheiros lhe faziam ajudavam bastante, assim como os dolorosos mas desejados tratamentos com Janet, a bonita e paciente jovem fisioterapeuta, um autêntico anjo caído do céu.

Em Junho, os pais de Gene resolveram transferi-lo para o famoso centro de reabilitação da Universidade de Nova Iorque, vulgarmente conhecido como Instituto Rusk. Nessa ocasião o jovem era pouco mais do que um inválido, aparentemente sem esperanças de recuperação. Apesar de tudo, os médicos achavam que ainda podia acontecer um milagre, mas o Dr. Donald A. Covalt, director-adjunto do instituto, explicou calma e detalhadamente a Gene: «Para o tipo de lesão que você sofreu na medula espinal, aqui pouco poderemos fazer, a não ser mostrar-lhe o caminho que será possível percorrer e ensinar-lhe a forma de consegui-lo. A possibilidade de você se tornar definitivamente inválido ou de voltar a ser um indivíduo auto-suficiente depende unicamente da sua força de vontade.» Depois acrescentou: «Posso prometer-lhe uma coisa: se não desistir de lutar (e

O TETRAPLÉGICO QUE NÃO DESISTIU

90 % dos paralíticos, hoje em dia, conseguem voltar a integrar-se de forma produtiva na sociedade), essa será a proeza mais difícil de toda a sua vida!»

Na opinião do médico, Gene teve «muita sorte» em conseguir de novo usar os músculos tricípites dos braços. Depois de «reeducados» e desenvolvidos, esses músculos permitiram executar preciosos movimentos de impulso, coisa que muitos quadriplégicos não conseguem fazer.

Desde o primeiro instante, Gene simpatizou com a maneira directa e sincera como aquele médico lhe falava, mais parecendo um treinador desportivo. Em homenagem a Covalt, não desistiria e haveria de trabalhar de verdade para tentar a recuperação.

Deitado no tapete do ginásio do instituto, esforçava-se e suava fazendo exercícios com halteres, que lentamente iriam desenvolver e fortalecer os músculos aparentemente inexistentes dos pulsos, braços e ombros. O movimento mais insignificante, começando com a aprendizagem para mudar de posição na cama, constituía um violento desafio. Até o sentar-se numa cadeira de rodas era trabalho difícil. Estando privado dos reflexos instintivos normais, Gene tinha de praticar para conservar equilibrado o peso do corpo e evitar cair ao solo.

Decorridas algumas semanas, Manning e Kathleen Williams, nas visitas regulares que faziam ao instituto para dar amparo e conforto moral a seu filho, repararam que este estava a dar-lhes lições. Todos nós vivemos tolhidos por uma série de limitações e os que estão em pior situação são aqueles que desconhecem as suas potencialidades ou que não desejam progredir. Nós, os quadriplégicos, sabemos quais são os nossos pontos fracos e esforçamo-nos por ultrapassá-los.

Treinando no centro de recuperação de Horizon House, Gene foi aprendendo progressivamente a executar as 132 Actividades da Vida Diária. Trabalhando com vontade, reduziu para 30 minutos o período de mais de três horas de que primitivamente necessitava para se vestir. O mais importante, porém, foi conseguir autorização para conduzir automóvel, um *Chevelle* de duas portas especialmente equipado, oferecido por seu pai. Aprendeu a sentar-se sozinho ao volante, a fechar e a recolher a cadeira de rodas no interior do veículo e a dirigi-lo — com auxílio de comandos manuais accionados pelos dedos, inertes, mas movidos pelos pulsos já recuperados.

Quase todos os tetraplégicos que vão para Rusk ali ficam internados durante seis meses, e às vezes mais. Ao fim de dois meses, Gene insistiu em sair. «Obrigado», disse ele aos médicos, «mas penso que agora já posso tomar conta de mim mesmo e, além disso, quero gozar um pouco a vida.» Então empenhou-se nesse projecto com alegria e determinação.

Gene ia empurrando a sua cadeira de rodas pelos declives suaves dos recintos anexos à escola St. Albans onde estava prestes a completar o seu curso. Como todos os quadriplégicos, tinha de enfrentar problemas constantes e lutar até para conseguir continuar a viver. Durante o dia, era obrigado várias vezes a levantar-se e a exercitar as pernas inutilizadas, a fim de normalizar a circulação sanguínea. Precisava de tomar remédios e be-

ber cinco litros de líquidos em cada 24 horas para evitar infecções nos rins e na bexiga. Como quase todo o seu corpo perdera a faculdade de transpirar, o calor ou as salas de aula aquecidas eram um problema constante. Tinha de suportar um cateter externo que lhe fora implantado para atender as exigências imprevisíveis da sua bexiga.

Os pais e a irmã mais nova ajudavam-no quando tentavam fazer-lhe compreender que ele era tão normal como qualquer outra pessoa. Na modesta casa em que moravam, instalaram no piso térreo uns aposentos especiais para Gene. Subindo e descendo a rampa que substituiu os degraus da porta dos fundos, ele entrava em casa ou saía a qualquer hora do dia ou da noite, desfrutando de tanta independência nesse aspecto como qualquer outro jovem de Washington.

Estudava com entusiasmo e tirava boas notas, tendo ainda tempo para se oferecer como treinador auxiliar da equipa de futebol. «Quando é preciso um esforço tão grande para continuar vivo», confidenciou Gene a um amigo, «o que se quer é uma vida digna de todos esses sacrifícios.»

Apesar disso surgiam-lhe frustrações e anseios terríveis. Claro que já não podia tocar contra-baixo, piano ou guitarra, como fazia antes do acidente, mas um dia descobriu um velho tambor abandonado a um canto da casa. Verificou que, colocando as baquetas entre os dedos inertes e movimentando os pulsos, obtinha uma batida um tanto vacilante, mas, com a prática, foi melhorando.

Em Junho de 1968, Gene (agora já com um aproveitamento escolar que o colocava entre os melhores alunos) diplomou-se em St. Albans. No Outono desse ano, matriculou-se em Harvard, no curso de música, frequentando ao mesmo tempo alguns cursos paramédicos com o intuito de compreender e possivelmente melhorar as suas condições físicas.

Antes do acidente, Gene planeava fazer sozinho uma viagem pelo Oeste, em busca de aventuras. Nas férias de Verão do segundo ano na Universidade, Gene realizou esse sonho, em peregrinação, conduzindo o seu carro de comandos manuais. Completou a dura jornada, dormindo no automóvel e cozinhando muitas vezes ele mesmo as refeições.

Em 1973, Gene graduou-se em letras pela Universidade de Harvard. Hoje, com 25 anos e apesar da paralisia que afecta quatro quintos do seu corpo, tem de novo à frente um futuro brilhante. Recentemente, tentei localizá-lo e encontrei-o, feliz e independente, vivendo num pequeno quarto alugado,

em Boston, Massachusetts. Os seus companheiros (jovens inconformistas como ele) tratam-no amigavelmente por Geno. Vencendo a adversidade, sempre conseguiu alcançar os três objectivos que norteavam a sua carreira de «jovem promissor» antes da fractura do pescoço que ia sendo fatal para ele.

Que lhe aconteceu nos desportos? Continua a ser um atleta de elite na sua categoria: campeão na corrida de obstáculo e resistência em cadeiras de rodas. Os fabricantes, no entanto, queixam-se de que as suas cadeiras não foram feitas para suportar o uso que Gene lhes dá.

Nas artes? Munido de pincel especial de cabo longo, que é ajustado ao pulso, voltou a pintar — e acredita que os seus novos trabalhos são os melhores que já fez.

Na música? Toca bateria num trio louco que, na opinião dos entusiastas, «leva os adeptos do jazz a experimentarem sensações jamais atingidas». Só com a música, Gene no futuro poderia provavelmente prover o seu sustento, caso descesse, mas ele pretende ter outra actividade profissional. Com os seus olhos castanhos brilhando de entusiasmo, Gene disse-me: «Quero aproveitar a minha vida ajudando os que sofreram acidentes como eu. Irei trabalhar, se for possível, num centro de recuperação física; caso não consiga, trabalharei em qualquer outro lugar.»

Gene está a organizar o seu próprio programa de fisioterapia. «Como quase todos os tetraplégicos», explica ele, «os tratamentos clínicos beneficiaram-me menos do que certas coisas bastante simples, como exercícios físicos, dieta, massagens, esquemas macrobióticos — e também coisas humanas como meditação, oração; o carinho de pessoas como a minha primeira fisioterapeuta, Janet; a iniciativa, a decisão e o sacrifício de meus pais; a compreensão e a sensatez de um médico quando me explicou que a minha vida sexual não tinha necessariamente terminado, mas seria apenas «diferente»; e a coragem de outros quadriplégicos cujos méritos e êxitos alcançados me inspiraram, demonstrando-me que também eu poderia conseguir graduar-me.»

O Reverendo Charles Martin, notável reitor do St. Albans, declarou recentemente: «Nenhum aluno que tenha concluído o curso nesta escola (frequentada por algumas das mais importantes personalidades do país) deu maior prestígio a St. Albans e serviu de exemplo aos alunos vindouros do que Eugene Williams.»

Invejável elogio, sem dúvida. Gene, no entanto, talvez preferisse ouvir outro elogio mais singelo. «Qual o motivo por que está a escrever uma história sobre ele?», perguntou-me bastante intrigado um baterista de Boston. «Gene tem alguma coisa que seja assim tão especial?»

Assinar o «ELO» significa estar de acordo com um conjunto de ideias e sobretudo apoiar os Deficientes na SUA LUTA.

Recorte e envie para o JORNAL «ELO» — Palácio da Independência — Largo de S. Domingos — L I S B O A

QUEIRAM CONSIDERAR-ME ASSINANTE DO VOSSO JORNAL

NOME

MORADA

ANUAL 100\$00

SEMESTRAL 50\$00

Marque com um X no quadrado respectivo.

A REVOLUÇÃO CULTURAL

MARCO ESSENCIAL NO PROCESSO DE EMANCIPAÇÃO POPULAR

FREDERICO ENGELS

Nota biográfica de Lénine

*Que lumiar intelectual se apagou!
Que grande coração deixou de pulsar!*

Frederico Engels faleceu em Londres em 5 de Agosto de 1895. Depois do seu amigo Carlos Marx (falecido em 1883), Engels foi o mais notável sábio e mestre do proletariado contemporâneo de todo o mundo civilizado. Desde que o destino relacionou Carlos Marx com Frederico Engels, a obra a que os dois amigos consagraram a vida converteu-se numa obra comum. E assim, para se compreender o que Frederico Engels fez pelo proletariado, é necessário compreender claramente a importância da doutrina e da actividade de Marx em prol do desenvolvimento do movimento operário contemporâneo. Marx e Engels foram os primeiros a deixar estabelecido nas suas obras científicas que o socialismo não é uma invenção de sonhadores, mas sim a meta final e o resultado inevitável do desenvolvimento das forças produtivas dentro da sociedade contemporânea.

Toda a história escrita até agora é a história da luta de classes, a sucessão no domínio e nas vitórias de umas classes sociais sobre outras. E isto continuará até desaparecerem as bases da luta de classes e do domínio de classe: a propriedade privada e a produção social caótica. Os interesses do proletariado exigem que estas bases sejam destruídas, pelo que a luta de classes-consciente dos operários organizados deve ser dirigida contra elas. E toda a luta de classes é uma luta política.

Estes conceitos de Marx e Engels foram perflhados nos nossos dias por todo o proletariado em luta pela sua emancipação. Mas quando os dois amigos participavam, na década de 40, na literatura socialista e nos movimentos sociais daquele tempo, estes pontos de vista eram completamente novos. Na altura havia muitos homens com talento e outros sem talento, muitos honestos e outros desonestos, que no ardor da luta pela liberdade política, na luta contra a autocracia dos monarcas, da Polícia e do Clero, não percebiam o antagonismo existente entre os interesses da burguesia e os do proletariado. Esses homens nem sequer admitiam a ideia de os operários actuarem como força social independente. Por outro lado, houve muitos sonhadores, algumas vezes geniais, que julgavam bastar apenas convencer os governantes e as classes dominantes da injustiça do regime social existente para ser fácil implantar no Mundo a paz e o bem-estar geral. Sonhavam com um socialismo que triunfasse sem luta. Finalmente, quase todos os socialistas daquela época, e em geral os amigos da classe operária, viam o proletariado apenas como uma *chaga* e contemplavam com horror como, à medida que crescia a indústria, crescia também essa *chaga*. Por isso, todos eles pensavam no modo de deter o desenvolvimento da indústria e do proletariado, de parar «o carro da História». Contrariamente ao temor geral perante o desenvolvimento do proletariado, Marx e Engels depositavam todas as suas esperanças no contínuo crescimento numérico deste. Quanto mais proletários haja, tanto maior será a sua força como classe revolucionária e tanto mais próximo estará o socialismo, que também será mais possível. Para se exprimir em poucas palavras os méritos de Marx e Engels perante a classe operária, poder-se-ia dizer que a ensinaram a tomar conhecimento e consciência de si mesma e substituíram os sonhos pela ciência.

É por isso que o nome e a vida de Engels devem ser conhecidos de todos os operários; é por isso que inserimos na nossa recompilação — que como tudo o que editamos tem por fim despertar a consciência de classe dos operários russos — um esboço acerca da vida e da actividade de Frederico Engels, um dos grandes mestres do proletariado contemporâneo.

Engels nasceu em 1820 na cidade de Bremen, província renana do reino da Prússia. O pai era industrial. Em 1838, por motivos familiares, Engels viu-se obrigado, antes de terminar o liceu, a empregar-se numa casa comercial de Bremen. O emprego não o impediu, no entanto, de cuidar da sua preparação científica e política. Ainda era aluno do liceu e já Engels odiava a autocracia e a arbitrariedade dos funcionários governamentais. O estudo da filosofia levou-o ainda mais

longe. Naquela época, predominava na filosofia alemã a doutrina de Hegel, da qual Engels se tornou partidário. Apesar de o próprio Hegel ser admirador do Estado autocrático prussiano, ao serviço do qual se encontrava como professor da Universidade de Berlim, a sua doutrina era revolucionária. A fé de Hegel na razão humana e nos direitos desta e a tese fundamental da filosofia hegeliana, segundo a qual decorre no Mundo um processo constante de mudança e desenvolvimento, encaminham os discipulos do professor berlinense, que se não queriam conformar com a realidade, para a ideia de que também a luta contra a injustiça existente e o mal reinante tinha as suas raízes na lei universal do desenvolvimento perpétuo. Se todo o Mundo se desenvolve, se umas instituições substituem outras, porque não de perdurar eternamente a autocracia do rei prussiano ou do czar russo, o enriquecimento de uma minoria insignificante a expensas da enorme maioria, o domínio da burguesia sobre o povo? A filosofia de Hegel falava do desenvolvimento do espírito e das ideias; era uma filosofia *idealista*. Do desenvolvimento do espírito deduzia o desenvolvimento da Natureza, o do Homem e o das relações entre os homens, o das relações sociais. Marx e Engels, embora conservando a ideia de Hegel do perpétuo processo de desenvolvimento*, reperliram a sua preconcebida concepção *idealista*; analisando a vida real, viram que não é o desenvolvimento do espírito que explica o desenvolvimento da Natureza, mas sim pelo contrário que o espírito tem a sua explicação na Natureza, na matéria... Contrariamente a Hegel e a outros hegelianos, Marx e Engels eram *materialistas*. Observando o Mundo e a Humanidade do ponto de vista *materialista* viram que, do mesmo modo que todos os fenómenos da Natureza têm por base causas materiais, também o desenvolvimento da sociedade humana está condicionado pelo desenvolvimento das forças materiais, das forças produtivas. Do desenvolvimento das forças produtivas dependem as relações em que se colocam os homens entre si no processo de produção dos objectos indispensáveis à satisfação das necessidades humanas. E nessas relações está a chave que permite explicar todos os fenómenos da vida social, os anseios do Homem, as suas ideias e as suas leis. O desenvolvimento das forças produtivas cria as relações sociais, que se baseiam na propriedade privada; mas também vemos agora como esse mesmo desenvolvimento das forças produtivas despoja da propriedade a maioria dos homens para a concentrar nas mãos de uma minoria insignificante, destrói a propriedade, base do regime social contemporâneo, e tende para o mesmo fim que os socialistas colocaram perante si próprios. Estes só devem ter em conta a força social que pela sua situação na sociedade contemporânea esteja interessada na realização do socialismo e devem procurar inculcar a essa força a consciência dos seus interesses e da sua missão histórica. Essa força é o proletariado. Engels conheceu-o em Inglaterra, no centro da indústria inglesa, em Manchester, para onde se transferiu em 1842 como empregado de uma firma comercial de que o pai era um dos accionistas. Ali, Engels não se limitou a permanecer no escritório da fábrica, antes percorreu os bairros imundos em que se albergavam os operários e verificou com os seus próprios olhos a miséria e os sofrimentos que os flagelavam. Não se contentando com as suas próprias observações, Engels leu tudo o que se escrevera até ali acerca da situação da classe operária inglesa e estudou minuciosamente todos os documentos oficiais que estavam ao seu alcance. Como resultado das suas observações e estudos apareceu em 1845 o seu livro *A Situação da Classe Operária em Inglaterra*. Já salientámos mais acima em que consiste o principal mérito de Engels como autor deste livro. É verdade que antes de Engels foram muitos os que descreveram os sofrimentos do proletariado e indicaram a necessidade de o ajudar. Mas Engels foi o primeiro a afirmar que o proletariado não só constitui uma classe que sofre, como também é precisamente a situação miserável, do ponto de vista económico, em que se encontra que o impele incontivelmente para diante e o obriga a lutar pela sua emancipação definitiva. O proletariado em luta *ajudar-se-á*

a si mesmo. O movimento político da classe operária levará inevitavelmente os trabalhadores à convicção de que lhes não resta outra saída senão o socialismo. Por outro lado, o socialismo somente se converterá numa força quando se tornar o objectivo da luta política da classe operária. Estas são as ideias fundamentais da obra de Engels acerca da situação da classe operária em Inglaterra, ideias aceites agora por todo o proletariado que pensa e luta, mas que então eram completamente novas. Estas ideias foram expostas num livro escrito com amenidade, cheio dos quadros mais autênticos e patéticos em que se mostravam os sofrimentos do proletariado inglês. Era um livro que constituía uma terrível acusação contra o capitalismo e a burguesia. A impressão que produziu foi enorme. Por toda a parte se começou a citar a obra de Engels como o quadro que melhor reproduzia a situação do proletariado contemporâneo. E de facto nem antes de 1845 nem depois apareceu uma descrição tão brilhante e verídica das calamidades suportadas pela classe operária.

Engels tornou-se socialista quando já estava em Inglaterra. Na cidade de Manchester pôs-se em contacto com os militantes do movimento operário inglês então existente e começou a colaborar nas publicações socialistas inglesas. Em 1844, ao passar por Paris de regresso à Alemanha, conheceu Marx, com quem já mantinha correspondência. Em Paris, sob a influência dos socialistas franceses e da vida em França, Marx também se tornara socialista. Na capital da França os dois amigos escreveram juntos a sua obra *A Sagrada Família ou Crítica da Crítica Crítica*. Esta obra, escrita na sua maior parte por Marx e que apareceu um ano antes de *A Situação da Classe Operária em Inglaterra*, contém as bases do socialismo revolucionário-materialista, cujas ideias principais já expusemos mais acima. *A Sagrada Família* é um apodo sarcástico dado aos filósofos irmãos Bauer e aos seus sequazes. Estes senhores pregavam uma crítica que estava acima de toda a realidade, acima dos partidos e da política, que negava toda a actuação prática e só contemplava «criticamente» o mundo circundante e os acontecimentos que se verificavam nele. Os Srs. Bauer qualificavam desdenhosamente o proletariado de massa carecida de sentido crítico. Marx e Engels enfrentaram energicamente esta tendência absurda e nociva. Em nome da verdadeira personalidade humana — a do operário espezinhado pelas classes dominante e pelo Estado — Marx e Engels exigiam não só a contemplação, mas sim a luta por uma ordem social melhor. E viam, naturalmente, que a força capaz de travar essa luta, na qual estava interessada, era o proletariado. Já antes do aparecimento de *A Sagrada Família*, Engels publicara na revista *Anais Franco-Alemães*, editada por Marx e Ruge, o seu *Estudo Crítico Sobre a Economia Política*, em que analisava do ponto de vista socialista os fenómenos básicos do regime económico contemporâneo como consequência inevitável da dominação da propriedade privada. As suas relações com Engels contribuíram sem dúvida para que Marx se decidisse a ocupar-se do estudo da economia política, ciência em que as suas obras produziram uma autêntica revolução.

De 1845 a 1847, Engels viveu em Bruxelas e em Paris, alternando os estudos científicos com as actividades práticas entre os operários alemães residentes naquelas cidades. Ali, Engels e Marx relacionaram-se com uma associação clandestina alemã, a «Liga dos Comunistas», que os encarregou de exporem os princípios fundamentais do socialismo elaborado por eles. Surgiu assim o fa-

F. ENGELS

ANTI-DÜHRING

precedido de uma nota biográfica de Lénine sobre Engels

VOL. I

TEXTOS OPERÁRIO VERMELHO

O ANTI-DÜHRING (Vol. I) precedido de uma nota biográfica de Lénine sobre F. Engels 45\$00

moso *Manifesto do Partido Comunista*, de Marx e Engels, que viu a luz do dia em 1848. Este livrinho vale por tomos inteiros: o seu espírito dá vida e movimento, ainda hoje, a todo o proletariado organizado e combatente do mundo civilizado.

A revolução de 1848, que rebentou primeiro em França e depois se estendeu a outros países da Europa Ocidental, permitiu a Marx e Engels regressarem à sua pátria. Ali, na Prússia renana, assumiram a direcção da *Nova Gazeta do Reno*, jornal democrático que se publicava na cidade de Colónia. Os dois amigos constituíam a alma de todas as tendências democráticas revolucionárias da Prússia renana. Defenderam até à última possibilidade os interesses do povo e da liberdade contra as forças reacçãoárias. Como é sabido, as forças reacçãoárias venceram, a *Nova Gazeta do Reno* foi suspensa e Marx, que enquanto se encontrava emigrado fora privado dos direitos de súbdito prussiano, foi expulso do país. Quanto a Engels, depois de participar na insurreição armada do povo e de combater em três batalhas em prol da liberdade, fugiu para Londres através da Suíça, uma vez derrotados os insurrectos.

Em Londres foi instalar-se também Marx. Engels não tardou a empregar-se de novo e mais tarde tornou-se sócio da mesma casa comercial de Manchester em que estivera empregado na década de 40. Até 1870, Engels viveu em Manchester e Marx em Londres, o que não os impediu de continuarem a manter o mais íntimo contacto espiritual, trocando correspondência quase dia a dia. Nessa correspondência os dois amigos permutavam as suas ideias e os seus conhecimentos e continuavam a elaboração em comum da doutrina do socialismo científico. Em 1870, Engels transferiu-se para Londres e até 1883, ano em que morreu Marx, continuaram a sua vida intelectual conjunta, uma vida cheia de intensíssimo trabalho. O seu resultado foi, por parte de Marx, *O Capital*, a maior obra sobre economia política do nosso século, e por parte de Engels uma série de obras grandes e pequenas. Marx

(Continua na pág. 6)

AOS EDITORES PORTUGUESES:

Como tentativa de formação de um público leitor esclarecido acerca das alternativas culturais ao seu dispor, vai ser posta à disposição de todas as editoras portuguesas, a partir de um dos próximos números do «ELO», uma secção onde será feita referência detalhada às obras que os editores nos enviarem (2 exemplares de cada título) para a sede da ADFA.

AOS LEITORES:

Têm chegado, ultimamente, até nós, trabalhos em poesia e prosa acompanhados de pedido de publicação.

A redacção do «ELO» ponderou a questão e de acordo com a Editorial Minerva resolveu estabelecer um prazo de 2 meses para recepção de trabalhos que serão seleccionados de modo a serem incluídos em 2 antologias, poesia e prosa, de autores portugueses contemporâneos a publicar, e subordinadas ao tema genérico: *Portugal após o 25 de Abril*.

VIDA ASSOCIATIVA

PROPOSTA DE ORGANIZAÇÃO, FUNCIONAMENTO E OBJECTIVOS DA DIVISÃO GERAL DE REINTEGRAÇÃO SOCIAL

No sentido de estruturar e activar a já criada Divisão de Reabilitação e Dinamização, foi criada a Divisão Geral de Reintegração Social, que substitui a primeira e passa a englobar todos os serviços que, de um modo ou de outro, contribuam para a reconquista do lugar que os deficientes, antes de serem deficientes, ocupavam na sociedade, sendo essa reconquista acompanhada de um trabalho profundamente revolucionário, de molde que implique, em si uma imposição à sociedade, nos seus moldes capitalistas e burgueses, para que esta responda de uma forma socialista e aceite os Deficientes sem preconceitos nem inibições.

Eis o documento elaborado pelos serviços de Reabilitação e Dinamização já existentes na A. D. F. A. e que veio a merecer a aprovação da Direcção:

I

CONSTITUIÇÃO

1.º — A Divisão Geral de Reintegração Social será constituída pelo Departamento de Reabilitação e pelo Departamento de Dinamização, tal como consta do Plano de Acção de Emergência aprovado na penúltima Assembleia Geral da ADFA e ainda pelo Departamento de Educação e Cultura.

a) O Departamento de Reabilitação englobará as seguintes Secções:

- Reabilitação Profissional (centros de aperfeiçoamento profissional e Procura e Oferta de Emprego).
- Reabilitação Médica (assistência médica e posto clínico).
- Assistência Social.
- Oficinas de trabalho protegido.
- Gabinete de Estudos.
- Oficina Ortopédica.

b) O Departamento de Dinamização englobará as seguintes Secções:

- Informações.
- Acção Dinamizadora (Sessões de esclarecimento; espectáculos, desporto, filmes, atracções associativas, etc.).
- Análise Política.
- Redacção do ELO e Coordenação de Programas.

c) O Departamento de Educação e Cultura, englobará as seguintes Secções:

- Cursos.
- Biblioteca.
- Creche-Infantário.

II

FUNCIONAMENTO

A Divisão Geral de Reintegração Social deverá ser dotada de autonomia estabelecida em documento aprovado pela Direcção.

1.º — A DGRS terá um Coordenador Geral que responderá pe-

rante a Direcção e um programa da Divisão previamente desenvolvido e aprovado pela Direcção.

2.º — Todos os assuntos da DGRS que sejam objecto de despacho da Direcção, deverão pela mesma ser analisados e despachados em reunião da mesma e constar da respectiva acta.

3.º — O ELO, assim como os programas periódicos de rádio, deverão ser da inteira responsabilidade da DGRS. O director do ELO poderá ser um membro da Direcção, mas sim um trabalhador da DGRS.

4.º — Os contactos da ADFA com o exterior, no que respeita a matéria de reabilitação ou dinamização, só poderão ser feitos através da DGRS, mesmo que se trate de entrevistas ou reportagens, se versarem precisamente essas matérias, devendo para o efeito a Direcção fazer-se acompanhar de representantes da DGRS.

5.º — A DGRS deve participar na orientação das publicações da Editorial Minerva, de molde a que os livros editados possam efectivamente estar ao serviço de todos os explorados em geral e dos deficientes em particular.

6.º — A DGRS participará na elaboração da legislação referente aos D. F. A..

7.º — A DGRS deverá, desde já, arrancar com serviços próprios em todas as Delegações da ADFA.

8.º — A DGRS enviará à Direcção um relatório mensal das actividades desenvolvidas.

III

OBJECTIVOS

A Divisão Geral de Reintegração Social, será o órgão técnico especializado da ADFA, encarregado de realizar as seguintes tarefas principais:

1.º — Preparar todos os Deficientes das F. A. através dos meios disponíveis, para se transformarem numa força capaz de se impor à sociedade e suas estruturas em decadência, de molde a participar na criação da sociedade socialista, devidamente mentalizada e preparada para no seu seio englobar os Deficientes das F. A., os meios técnicos de reabilitação necessários à sua integração social, sob os seus vários aspectos.

2.º — Preparar e motivar todos os Deficientes do foro Civil a integrar-se na luta da criação da sociedade apta a assimilá-los sem os segregar, ou seja, a sociedade socialista. A fim de concretizar esta ideia deverá envidar esforços no sentido de os Deficientes Civis se organizarem numa organização (ou mais) de base para, conjuntamente com a ADFA, se conseguirem:

a) Criar uma Comissão Nacional de Reabilitação de Deficientes, constituída por representantes das respectivas Associações de base (ADFA e outra ou outras). Essa Comissão desenvolverá esforços, apoiada pelas Associações que re-

presenta, para desenvolver uma verdadeira política revolucionária de reabilitação e integração social de todos os Deficientes físicos e mentais em Portugal.

3.º — Nos novos Estatutos da ADFA deverá ficar estabelecido a possibilidade de a ADFA poder empenhar as suas potencialidades e capacidades numa tarefa de reabilitação e integração social de todos os Deficientes, mesmo que não sejam das F. A..

4.º — A Divisão Geral de Reintegração Social, deverá ter liberdade para convocar Deficientes Civis e com eles estabelecer as melhores formas para constituir a C. N. R. D. e montar os seus serviços.

Este documento está já a ser desenvolvido em forma de programa, após o que será enviado a todas as Delegações, a fim de que com os pareceres destas se venha a constituir um programa definitivo com o qual, a concretizar-se efectivamente, dar-se-á cumprimento aos mais altos objectivos da Associação.

● REUNIÃO DE TRABALHO DA DIVISÃO GERAL DE REINTEGRAÇÃO SOCIAL NA DELEGAÇÃO DE PENICHE

Desde o início da A. D. F. A. se procurou estabelecer contactos com todos os Deficientes das Forças Armadas, de Norte a Sul do País, para a formação de Delegações, que, por sua vez, iriam, conjuntamente com a Sede (Largo de S. Domingos — Lisboa), dar uma cobertura total para a resolução dos graves problemas dos deficientes que a todos nos preocupam.

Nós sabemos, todo o País o sabe, que se tornava imprescindível a formação de Delegações por esse País fora, a fim de que os deficientes das Forças Armadas se sentissem mais irmãos nos ideais que os unem.

A primeira Delegação da A. D. F. A. a formar-se e a desenvolver toda uma estrutura de trabalhos produtivos e capazes de responder às necessidades dos Deficientes das Forças Armadas foi a Delegação do Porto. Inevitavelmente, dessas estruturas surgiram responsabilidades, as quais foram assumidas pela Comissão Directiva daquela Delegação que, com orgulho e hombridade, souberam, e sabem, conduzir todo o desenvolver dos trabalhos em prol dos deficientes das Forças Armadas muito especialmente da parte Norte do País.

Em paralelo a esta Delegação outras se formaram e outras estão no embrião dessa formação. Uma das que já ultrapassaram a fase da descoberta de deficientes das Forças Armadas para a sua formação foi, e é, a Delegação de Peniche. Esta Delegação conta já com instalações próprias, na Rua António da Conceição Bento, n.º 3, que oficialmente lhe foram cedidas.

Foi no incrementar da permuta de ideias, que deve existir entre Sede-Delegação, muito principalmente aquando do início destas, que uma equipa da Divisão G. R. S. se deslocou a Peniche a fim de inserir os nossos camaradas daquela Delegação na estrutura de traba-

lhos que actualmente dominam a Sede da A. D. F. A..

Peniche, vila de pescadores, sabe bem que muitos dos seus filhos já não podem ir para os trabalhos do mar. Muitos deles tiveram e têm que se reintegrar noutra trabalho que lhes permita a sua própria sobrevivência e dos seus. Foi com este cariz que um punhado de deficientes das Forças Armadas se uniram e resolveram dar início ao trabalho para a abertura de uma Delegação naquela vila, hoje já funcional.

Casos bastante funestos nos expuseram os nossos camaradas daquela Delegação. Casos sobretudo em vivência por estarem ainda em vigor as leis fascistas que há muito deveriam ter desaparecido. As barreiras burocráticas que ainda se levantam para a resolução dos problemas das classes exploradas têm os seus dias contados, tal é a força e vontade de as vencer que se observa nos deficientes das Forças Armadas das nossas Delegações. Este é o único ponto negativo com que no decorrer dos nossos trabalhos deparamos. A força de vencer, o ânimo de ajudar os seus camaradas, os trabalhos a realizar, a vitória que se espera desta Delegação, são pontos demais positivos para todos ajudarmos mais ainda à formação de novas Delegações.

● POSSÍVEL SUBSÍDIO ESTRANGEIRO À ADFA

Sob o título «Reabilitação na Alemanha» publicámos no último número do «ELO» parte do relatório de três sócios da Associação que se deslocaram à República Federal Alemã, onde permaneceram cerca de três meses em contacto com os técnicos e centros de reabilitação desse país. Transcrevemos agora uma passagem desse relatório:

«Já no final da nossa visita, fomos levados a Bona para uma entrevista com o Ministro da Defesa Alemã que, depois de uma longa entrevista baseada nos conhecimentos obtidos durante a nossa estadia na Alemanha, perguntou-nos quais as conclusões a que tínhamos chegado e qual o método que iríamos adoptar para a reabilitação de deficientes em Portugal.

Respondemos-lhe que planos tínhamos nós muitos, mas que nos faltavam o apoio técnico e financeiro, visto o nosso Governo desculpar-se com a falta de dinheiro.

Ele admirou-se bastante com a nossa resposta e disse que o Governo Federal Alemão depositou em nome do Governo Português a quantia de 70 milhões de marcos exigindo, para o seu levantamento, a apresentação dos projectos a que se destina esse dinheiro, o que ainda não foi feito pelo nosso Governo, tendo até afirmado que, quando o General Fabião se deslocou à Alemanha, eles esperavam que ele pudesse explicar a razão porque Portugal ainda não tinha apresentado qualquer vontade de utilizar esse dinheiro, explicação que na realidade não foi dada, tendo o Ministro alemão ficado com a impressão que Portugal não necessitava de dinheiro.

Depois de ouvir estas afirmações, que nos deixaram deveras desconcertados, afirmámos-lhe ter a nossa Associação um esquema elaborado para a construção de um Centro de Deficientes, com piscina, terapêutica, massa-

gem, cantina, enfermarias, oficina de próteses, parque de jogos e tudo o que necessita um verdadeiro Centro de de Reabilitação.

Como resposta às nossas declarações, foi-nos afirmado que se esse projecto fosse apresentado pelo Governo Português ao Governo Alemão, que o dinheiro seria levantado para a concretização do mesmo e que era da sua opinião ser uma boa utilização desse empréstimo feito a Portugal.

A este propósito, no jornal «Tempo», de 4 de Dezembro, vinha publicada a seguinte notícia:

«AUXÍLIOS—Podemos revelar que desde o dia seguinte ao 25 de Novembro as embaixadas estrangeiras — principalmente as europeias — começaram a oferecer ajuda ao Governo Português. A República Federal da Alemanha decidiu conceder-nos um empréstimo de 70 milhões de marcos. Antes do 25 de Novembro, no Ministério dos Negócios Estrangeiros, só havia um diplomata encarregado destes assuntos. Este diz que vai pedir reforços».

Aproveitamos para evidenciar aqui a falsidade de determinadas notícias que os jornais vergonhosamente apresentam. Como é óbvio os 70 milhões de marcos concedidos pela Alemanha Federal a Portugal como auxílio não foram atribuídos depois do 25 de Novembro, mas já o tinham sido há bastante tempo.

Entretanto, sabe-se, também através de órgãos de Comunicação Social, que já foram apresentados alguns projectos por departamentos governamentais para a aplicação dessa verba.

A ADFA, por seu lado, está a estabelecer contactos com as entidades oficiais competentes, a fim de se verificar efectivamente qual a possibilidade de se poder destinar parte do dinheiro concedido a Portugal pela Alemanha à execução de um programa de reabilitação e reintegração sócio-profissional dos Deficientes das Forças Armadas.

● DOAÇÕES

Dos serviços de Contencioso da Associação, e para publicação, recebemos o seguinte trabalho relativo às actividades desenvolvidas por esse serviço no que toca a doações:

A partir do mês de Junho do corrente ano, data em que o actual Contencioso encetou o ordenamento das doações feitas à nossa Associação, algumas foram as que já foi possível «pegar-lhe», dadas as inúmeras dificuldades que a maioria delas nos apresentaram.

Naturalmente que quase a totalidade apresenta litígios que implicam acção judicial e assim a morosidade com que a ADFA vê a solução ideal destas dádivas.

Ainda durante o período em que o advogado Dr. Augusto Aguiar Branco, o qual se seguiu ao Sr. Jardim, «graduado em advogado», algumas doações foram feitas, mas cuja solução aqui é desconhecida, e as poucas conhecidas já foram algumas abandonadas por impossibilidade legal e outras mantêm-se em curso por apresentarem autênticos «bicos de obra». Ex.: a Herdade das Alagoas do Cardo no Algarve, (que já abandonámos), Salão Portugal, em Lisboa, etc..

Casos há em que a morosidade da solução final é de tal ordem que os doadores se desvinculam da oferta feita e contra o qual a ADFA é impotente dado o facto do assunto depender de Órgãos que, por razões de ordem vária, os emperram. Está neste caso a venda de um imóvel na Cidade da Covilhã, que, na hipótese da desvinculação, deixar-se-ão de receber, 70 000\$00.

Assim, se por um lado o número de doações existentes, atinge um valor da ordem dos milhões de escudos, por outro, e, pelas dificuldades já apontadas, apenas se tem recebido e por «conta-gotas», alguns milhares. Também há que ter em atenção que nem todas as doações feitas e já resolvidas se traduzem em numerário à vista, pois que algumas passaram a ser exploradas ou utilizadas pela Associação, tal é por exemplo o caso da «Editorial Minerva», o pequeno prédio urbano sito na Rua do Embaixador em Lisboa, a «Sociedade Clínica» sita no Rossio, em Lisboa, da qual nos foram doados 2/3, etc..

Finalmente, apontaremos alguns dados estatísticos, os quais a concretizarem-se favoravelmente, nos trariam os benefícios que se indicam:

— Empresa «Renova», em Torres Novas — uma comparticipação no valor de cerca de 500 000\$00;

— Venda de um imóvel na Avenida Elias Garcia, em Lisboa — uma comparticipação de cerca de 1 000 000\$00;

— 2/3 da Sociedade Clínica em Lisboa. Esta passará a ser utilizada pela ADFA para os seus serviços clínicos (já confirmada).

NOTA: — Estes 3 casos foram oferecidos pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Alice Rodrigues Leão da Silva, residente em Lisboa.

— Casal Vila Chã — Amadora — uma comparticipação doada pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Donatília das Dores Leal da ordem de vários milhares de contos. (Possível mas pouco provável).

— Edifício (já citado) na Rua do Embaixador, oferecido pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Lídia das Dores Alves de Sousa Andrade, cujo edifício está ocupado, um andar por um nosso associado e outro por uma família que paga renda.

— Edifício urbano, sito na cidade da Covilhã, comparticipação de 70 000\$00, oferecido pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Apolónia Cruz Dias Neves.

— Alguns milhares de eucaliptos da Herdade chamada «Currais», em Odemira, cuja cabeça de casal, Ex.^{ma} Sr.^a D. Rogélia da Piedade Marcelino não sabe, e nós também não, qual o valor, pois que este é frequentemente oscilável.

— Centro de Puericultura e Enfermagem, em Lisboa, na zona dos Anjos, cuja doadora Ex.^{ma} Sr.^a D. Rosa Maria de Sousa Andrade, residente em Lisboa, atribui ao recheio largas dezenas de contos de reis.

— Produto de horas de trabalho não pagas a um trabalhador, o qual oferece 40 % do seu total, o qual pode computar-se em cerca de 20 000\$00. O trabalhador ofertante é o Sr. João Agostinho Marques, residente em Portimão.

— Uma bobine de cabo eléctrico de baixa tensão, cujo valor é da ordem dos 200 000\$00, a qual foi oferecida pelo Sr. António Tavares Mendes, residente no Montijo.

— A importância de 9 000\$00, paga em prestações mensais de 350\$00, oferta feita pela Ex.^{ma} Sr.^a D. Lucília Duarte Parita Ribeiro, residente em Lisboa.

— A importância de 17 390\$00, oferecida pelo Eng.^o Sr. Jean José Luz residente no Estoril, importância que este Senhor tinha a receber de honorários na «Lusite» e que resolveu oferecer-nos (importância já recebida).

— Prémio resultante de ofertas desportivas, oferecido por um grupo de Amigos de Tomar, o qual não foi recebido por o prémio ser relativo ao mês de Abril de 1975 e a Estação dos Correios de Tomar não conseguir localizar o expedidor, apesar de tentativas várias nesse sentido e por haver repetição de números em cada semana, não che-

gando a ADFA a saber qual seria o montante.

Outras doações ainda, que, por moroso, não vale a pena inumerar, nos foram feitas, e que esta Associação, através do seu Contencioso, concluiu ser impraticável a sua solução, pela implicação de problemas de ordem vária, que na actualidade não podiam ter solução, dada a instabilidade política que de há largo tempo se tem verificado.

● APOIO MONETÁRIO

Da Comissão de Angariação de Fundos do Grupo Mocar-Santomar, recebemos a quantia de 22 965\$70 referente ao domingo de trabalho do dia 6-10-1974.

Os nossos agradecimentos e Saudações Revolucionárias a estes trabalhadores.

● REUNIÕES DE TRABALHO DE TERÇA-FEIRA

Na passada terça-feira, dia 9, realizou-se a habitual reunião de trabalho, que teve lugar na biblioteca.

A ordem de trabalhos foi a seguinte:

- Informações;
- Embalamento dos produtos Jonhson;
- Transferência do trabalhador Tété;
- Envio de um observador ao Encontro Nacional Antifascista;
- Inquéritos à situação dos Deficientes;
- Situação do Decreto-Lei.

No período destinado a informações, falou o Martins que expôs aos presentes os termos da recusa do Presidente da Mesa da Assembleia Geral em marcar uma Assembleia Geral Extraordinária, cuja convocatória e ordem de trabalhos tinha sido subscrita por 23 sócios.

Para que o trabalho na próxima Assembleia Geral Extraordinária fique simplificado, a Direcção decidiu demitir-se em bloco. Assim na próxima Assembleia Geral Extraordinária haverá eleições para novos corpos directivos.

Criar-se-ia segundo proposta da Direcção uma comissão eleitoral para elaborar o estatuto eleitoral.

O Saraiva salientou que a Dinamização devia ser a nível nacional para uma maior expansão da ADFA.

Houve duas propostas para a formação da comissão eleitoral.

Uma do sócio Marques, que dizia que a comissão devia ser eleita pelo menos por metade dos sócios, para que as eleições fossem democráticas, outra do Roque, que dizia que isso não era necessário, pois na Assembleia Geral caso alguma das listas se sentisse defraudada ela se encarregaria de o denunciar aos associados presentes. Ganhou a proposta do Roque.

Entra-se na ordem de trabalhos com uma informação sobre a linha de embalagem dos produtos Jonhson, que funciona na Sede da ADFA.

A Direcção informou que o trabalhador Tété pediu a transferência para Bragança.

Devido a um convite feito à ADFA foi enviado o trabalhador Godinho como observador ao Encontro Nacional Antifascista em Coimbra.

Sobre os inquéritos foi informado que estes deverão ficar concluídos em Março de 1976, devendo então serem publicados os resultados.

Sobre o D. L. foram dadas informações do que se passou com o último telefonema da Direcção para o Ministério da Defesa.

A situação está devidamente explicada no artigo da 1.^a página sobre o D. L.

● AOS SÓCIOS ATENÇÃO!

Avisam-se todos os sócios da ADFA, efectivos e extraordinários, que no quantitativo da quota que pagam mensalmente já está incluída a assinatura do jornal, não devendo, tal como têm feito alguns, enviar o pedido de assinatura do ELO, pois sendo sócios são automaticamente assinantes.

● POSTO CLÍNICO NA ADFA

A assistência médica aos deficientes das F.A. e aos seus familiares tem constituído uma das principais preocupações da Associação. A Associação teve, desde início, plena consciência das dificuldades que se deparavam, sobretudo àqueles deficientes que, não sendo oficialmente considerados como deficientes, acarretam com o peso de grandes mazelas que necessitam, em certos casos, de cuidados médicos permanentes. Não tendo estes homens qualquer pensão nem remuneração, pois o desemprego era, por via de norma, a sua ocupação, não podiam de modo algum suportar as grandes despesas que acarreta a assistência médica particular, destinada, como é sabido, às classes que vivem na abundância.

Desde muito cedo que a ADFA diligenciou no sentido de vir a proporcionar aos seus associados e famílias uma assistência eficaz e gratuita. Esta tarefa veio a ser facilitada com a doação de parte de uma policlínica sita no Rossio em Lisboa, onde a Associação poderá instalar serviços próprios. De entre as diligências já efectuadas salienta-se a atribuição de material clínico atribuído pela Direcção dos Serviços de Saúde. Em contacto estabelecido com o Director destes Serviços ficou estabelecido que a Associação poderia passar a enviar aos hospitais militares todos os sócios, independentemente de serem ou não considerados oficialmente deficientes das F.A.

Existem já médicos militares, do Exército e da Força Aérea, que passarão a trabalhar, durante certos períodos, na Associação, melhor, na Clínica do Rossio, onde funcionarão as consultas.

Para efectivar e ultimar estes serviços deslocar-se-á a Lisboa nos próximos dias o camarada Veríssimo, também médico, actualmente a trabalhar na delegação do Porto.

Depois de devidamente montados os serviços de assistência médica os sócios serão avisados, através do jornal, dos horários das consultas e da norma de marcação das mesmas. Esperamos que isso possa acontecer já no próximo número.

● O «ELO» TAMBÉM VAI NASCER NO PORTO

Soubemos que os nossos camaradas da Delegação do Porto têm já constituído uma comissão redactorial do jornal afim de se encarregar de uma parte do «Elo», onde finalmente o trabalho disperso e desordenado que até agora vem sido feito pelas delegações passe a ter carácter sistemático.

Nós, aqui de Lisboa, damos-lhes as boas vindas. Esperemos que outras delegações lhes sigam o exemplo.

(Continua na pág. 6)

VIDA ASSOCIATIVA

(Continuado da pág. 5)

● INQUÉRITOS

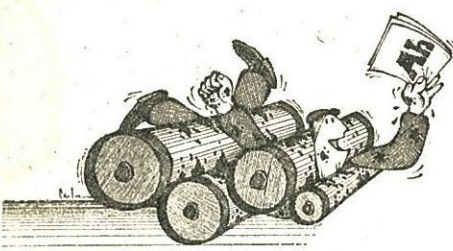
Já várias vezes o jornal «Elo» se tem referido ao levantamento a nível nacional de todos os D.F.A., e daí apela para que todos nós colaboremos no máximo, numa obra que posteriormente nos dirá, mais do que aquilo que já sabemos, todas as condições sócio-económicas em que vivem milhares de jovens extropiados pelas malélicas guerras coloniais.

Por aquilo que neste momento já nos chegou ao conhecimento, voltamos a frisar que muito a ADFA terá que reivindicar e lutar em prol dos Deficientes, contra as injustiças que então se praticavam, e que agora estão a dar amargos frutos para aqueles que mais directamente eram as suas vítimas.

Não pretendendo apresentar aqui alguns dados concretos que já possuímos, como resultado destes inquéritos, vimos apenas alertar os D.F.A. e o povo em geral, que possivelmente no próximo mês de Março poderemos apresentar os resultados finais que terão o efeito de criar surpresas nos D.F.A. e no povo trabalhador.

● OFICINAS-ESCOLA DA ADFA

As Oficinas-Escola da ADFA, em contínuo desenvolvimento e projecção, estão aptas a executar todos os trabalhos que lhes sejam entregues.



Executa todos os trabalhos de tipografia e encadernação



Reparações de rádios, televisores e quaisquer outros aparelhos eléctricos



Executa todos os trabalhos a preto e branco. Muito brevemente, também a cores

Confiar os seus trabalhos às Oficinas-Escola da ADFA é participar no desenvolvimento de uma obra assente em moldes socialistas; é colaborar no processo de reabilitação profissional de muitos deficientes que tinham como única realização laboral o desemprego e a inacção; é participar na criação de mais postos de trabalho protegido

para deficientes de cadeiras de rodas que vêem a sua possibilidade de colocação nas empresas dificultado, além do mais, pelas barreiras arquitectónicas. Participar e colaborar com a iniciativa da ADFA neste campo é, sobretudo, apoiar uma iniciativa anti-capitalista, de organização dos próprios trabalhadores, dos próprios oprimidos e marginalizados, iniciativa que, aliás, a multiplicar-se noutros locais muito contribui para o efectivo o tão falado controlo da produção pelos trabalhadores.

● COLABORAÇÃO QUE NÃO CHEGOU A SER PRESTADA

Por iniciativa e oferta dos seus préstimos do alferes miliciano médico, Leitão, a Associação solicitou ao Estado-Maior do Exército a sua colocação em diligência na ADFA. Foi recebido há dias a informação oficial que este oficial-médico não poderia ser colocado na ADFA por ter sido mobilizado para os Açores onde continuará a prestar o seu serviço militar.

Ao amigo e colaborador da Associação agradecemos a sua iniciativa, tal como se viesse a trabalhar em prol dos deficientes e enviamos-lhe para os Açores as nossas saudações revolucionárias.

● FESTA DE NATAL

A festa de Natal a realizar pela Associação constará de um espectáculo de variedades que incluirá distribuição de pequenas lembranças às crianças filhos dos sócios e dos trabalhadores da Associação.

A festa terá lugar em vários locais do País. Apontam-se a seguir os locais das respectivas zonas, assim como data e hora da realização:

Sede-Lisboa — Dia 20 de Dezembro, sábado, pelas 15 horas, no Lar Militar — Avenida Rainha D. Amélia em Lisboa (o mesmo local onde se realizou no ano passado).

Delegação do Porto — Dia 20 de Dezembro, sábado, pelas 14,30 h. nas instalações da Delegação na Rua Pedro Hispano, n.º 1105 no Porto (ao Carvalhido).

Delegação de Évora — Não faz em virtude de mudança de instalações do Palácio da Ex-LP, para o D.R.M.

Delegação de Viseu — Só faz uma distribuição de bombons na Delegação.

Delegação de Famalicão — Faz festa na Delegação, dia 20, pelas 15 horas.

Delegação de Bragança — Não faz em virtude da comissão instaladora se ter demitido.

Ao contrário do que sucedeu no ano passado, os sócios não serão avisados por circular da realização da Festa de Natal, pelo que se consideram avisados através do jornal.

● VENDA DO «ELO»

Porque o «ELO» deve chegar às mãos de todo o povo trabalhador devemos intensificar a sua venda, se com a sua venda pudermos ajudar alguns camaradas deficientes que estejam desempregados ou com dificuldades financeiras. Face a isto decidiu a Direcção da ADFA dar a percentagem de 20 % àqueles que o queiram vender. Traduz-se esta percentagem em 1\$00 por exemplar. Aqueles que desejem vender o «ELO» devem dirigir-se à redacção do mesmo na Associação onde serão melhor informados de como se processará a venda.

FREDERICO ENGELS

(Continuação da pág. 3)

trabalhou na análise dos complexos fenómenos da economia capitalista; nos seus trabalhos, escritos numa linguagem muito amena, muitas vezes em forma de polémica, Engels focou os problemas científicos mais gerais e os diversos fenómenos do passado e do presente no sentido da concepção materialista da História e da doutrina económica de Marx. Dos trabalhos de Engels citamos: a obra polémica contra Dühring (nela o autor analisa os problemas mais importantes da filosofia, das ciências naturais e da sociologia)**; *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado* (traduzida para russo e editada em Sampetersburgo, 3.ª ed. de 1895), *Ludwig Feuerbach* (tradução para russo e notas de J. Plekhanov, Genebra, 1892), um artigo sobre a política externa do Governo russo (traduzido para russo e publicado em *O Social-Democrata*, números 1 e 2, em Genebra), os seus magníficos artigos sobre o problema da habitação e finalmente dois artigos, pequenos mas muito valiosos, sobre o desenvolvimento económico da Rússia (*Frederico Engels Acerca da Rússia*, traduzido para russo por V. Zasluch, Genebra, 1894). Marx morreu sem ter conseguido acabar definitivamente a sua grandiosa obra acerca do capital. Contudo, essa obra estava terminada em rascunho e Engels, depois da morte do amigo, meteu ombros à difícil tarefa de redigir e editar os tomos segundo e terceiro de *O Capital*. Em 1885 editou o segundo e em 1894 o terceiro tomo (o quarto já não conseguiu redigi-lo). Estes tomos exigiram-lhe muitíssimo trabalho. O social-democrata austríaco Adler observou com razão que com a edição do segundo e do terceiro tomos de *O Capital*, Engels erigiu ao seu genial amigo um monumento majestoso no qual, involuntariamente, gravou também com traços indeléveis o seu próprio nome. De facto, esses tomos de *O Capital* são obra de ambos, de Marx e de Engels. As lendas da Antiguidade apresentam-nos diversos exemplos de comovente amizade. O proletariado europeu tem o direito de dizer que a sua ciência foi criada por dois sábios e lutadores cujas relações mútuas ultrapassam todas as comoventes lendas antigas acerca da amizade entre os homens. Engels sempre, e em geral com toda a justiça, se pousou a Marx. «Ao lado de Marx», escreveu uma vez a um velho amigo seu, «coube-me o papel de segundo violino.» A sua ternura por Marx enquanto este viveu e a sua veneração pela memória do amigo morto foram infinitas. Engels, o lutador austero e o pensador profundo, era homem dotado de um grande coração.

Depois do movimento de 1848-1849, Marx e Engels, no exílio, não se dedicaram unicamente ao trabalho científico. Marx criou em 1864 a «Associação Internacional dos Trabalhadores», que dirigiu durante todo um decénio. Engels também participou activamente nas suas tarefas. A actividade desta «Associação Internacional», que de acordo com as ideias de Marx ligava os proletários de todos os países, teve enorme importância no desenvolvimento do movimento operário. Mas mesmo depois da associação ser dissolvida, na década de 70, o papel de Marx e Engels como unificadores da classe operária não cessou. Pelo contrário, pode-se afirmar que a sua importância como dirigentes espirituais do movimento operário crescia constantemente, porque o próprio movimento continuava a desenvolver-se sem cessar. Depois da morte de Marx, Engels, sozinho, continuou a ser o conselheiro e o dirigente dos socialistas europeus. Recorriam a ele em busca de conselhos e directivas tanto os socialistas alemães, cujas forças, apesar das perseguições governamentais, aumentavam constante e rapidamente, como os representantes de países atrasados — por

exemplo, espanhóis, romenos, russos, etc. — que se viam no transe de meditar e medir com toda a cautela os seus primeiros passos. E todos eles tiravam proveito do riquíssimo tesouro de conhecimentos e experiências do velho Engels.

Marx e Engels, que conheciam a língua russa e liam livros em russo, interessavam-se vivamente pela Rússia, seguiam com simpatia o movimento revolucionário no nosso país e mantinham relações com revolucionários russos. Ambos eram já *democratas* antes de se tornarem socialistas e tinham profundamente arreigado o sentimento democrático do ódio à arbitrariedade política. Tal sentimento político inato, a par da profunda compreensão teórica do nexo existente entre a arbitrariedade política e a opressão económica, assim como a sua riquíssima experiência da vida, fizeram com que Marx e Engels fossem extraordinariamente sensíveis precisamente no sentido político. Pelo mesmo motivo, a luta heroica sustentada por um punhado de revolucionários russos contra o poderoso Governo czarista encontrou no coração dos dois revolucionários experimentados a mais viva simpatia. Inversamente, seria natural que a tentativa de virar costas à tarefa imediata e mais importante dos socialistas russos — a conquista da liberdade política —, nas aras de supostas vantagens económicas, lhes parecesse suspeita e até fosse considerada por eles como uma traição à grande causa da revolução social. «A emancipação do proletariado deve ser obra do próprio proletariado», ensinaram-nos sempre Marx e Engels. E para lutar pela sua emancipação económica o proletariado deve conquistar certos direitos políticos. Além disso, Marx e Engels viram com toda a clareza que a revolução política na Rússia teria também enorme importância para o movimento operário da Europa Ocidental. A Rússia autocrática foi sempre o baluarte de toda a reacção europeia. A situação internacional extraordinariamente vantajosa em que a guerra de 1870 colocou a Rússia — guerra que durante muito tempo semeou a discórdia entre a Alemanha e a França — só contribuiu, naturalmente, para aumentar a importância da Rússia autocrática como força reaccionária. Apenas uma Rússia livre, que não tivesse necessidade de oprimir os Polacos, os Finlandeses, os Alemães, os Arménios e outros povos pequenos, nem de açular continuamente uma contra a outra a França e a Alemanha, daria à Europa contemporânea a possibilidade de respirar aliviada do peso das guerras, enfraqueceria todos os elementos reaccionários da Europa e aumentaria as forças da classe operária europeia. Pela mesma razão, Engels, tendo também em conta os interesses do movimento operário do Ocidente, advogou calorosamente a implantação da liberdade política na Rússia. Os revolucionários russos perderam com a sua pessoa o melhor dos seus amigos.

Glória eterna a Frederico Engels, grande lutador e mestre do proletariado!

* Marx e Engels salientaram mais de uma vez que o seu desenvolvimento intelectual era devido em grande parte aos notáveis filósofos alemães e em especial a Hegel. «Sem a filosofia alemã», disse Engels, «também não existiria o socialismo científico.»

** É um livro admiravelmente instrutivo e rico conteúdo. Infelizmente obra, em que se esboça a história do desenvolvimento do socialismo (*Do Socialismo Utopico ao Socialismo Científico*, 2.ª ed. de 1892, Genebra).

Escrito no Outono de 1895
Publicado pela primeira vez em 1896
na recompilação
«Rabotnik», números 1-2

V. I. Lênine, «Obras», 4.ª ed. em russo, t. 2, págs. 1-13

Vida associativa dos fins de semana

(Continuação da 1.ª pág.)

dades. Elas existem já e, segundo o previsto pela Divisão Geral de Reintegração Social, sofrerão um rápido incremento dentro dos tempos mais próximos. Entretanto, têm-se projectado filmes todos os sábados, pelas 16 horas, no Salão Nobre; esteve patente ao público, como já foi referido no último número deste jornal, durante vários dias, uma exposição em madeira.

Pretende-se, muito em breve, iniciar-se uma série de campeonatos desportivos que servirão, como último objectivo, para a criação de condições conducentes à instalação de serviços de desporto na Associa-

ção que, além de útil e necessário a qualquer pessoa, no caso dos deficientes desempenha papel essencial na reabilitação.

Pretendemos, assim, mais uma vez dar conhecimento a todos os sócios, especialmente aos da zona de Lisboa, de que a sua Associação está aberta durante os fins-de-semana onde, e durante os quais, a sua presença será a prova de que esta medida é oportuna e deve continuar. Aos sócios de outras zonas do País será também útil o funcionamento da Associação durante os fins-de-semana, os quais, nas suas deslocações a Lisboa, terão oportunidade de contactar com a Sede.

ESCREVA CONNOSCO

O ELO da Associação dos Deficientes das Forças Armadas não é feito por profissionais. Somos nós, Deficientes, que sentimos os malefícios de uma guerra injusta, que sentimos o peso da marginalização, que estamos decididamente com a revolução socialista, somos nós, apenas com estas referências profissionais, que fazemos o nosso jornal.

Nós necessitamos que escreva connosco.

Escrever connosco é participar na feitura do ELO; escrever connosco é enviar à Redacção do ELO todas as sugestões para o seu melhoramento e para melhor cumprir a sua missão; escrever connosco é enviar artigos e trabalhos que, transcritos no ELO, enriqueçam as suas páginas e valorizem quem as lê.

Com o pedido de publicação, recebemos de um nosso camarada do Porto a seguinte carta:

CAMARADAS:

Ao ter recebido mais um número do nosso jornal ELO, o que aliás esta semana pouco mais ou menos já recebi 3 números do nosso jornal o que estranhei visto ter recebido 2 jornais repetidos do número especial, mas como é natural haver enganos, eu que também os tenho, nem tal coisa me passou pela cabeça de vos chamar a atenção pela anomalia, mas ficar um pouco impressionado pelo vosso trabalho que dia a dia está a melhorar quer no sistema da rápida saída do jornal quer no seu aspecto gráfico que está a tornar-se excelente, por dois motivos: 1.º, a disposição de artigos que vem sempre melhorando de número após número; 2.º, pelos seus títulos que já dão um aspecto de jornal sempre com umas cercaduras de um feitio ou de outro, não parece mas só estas duas coisas já valorizam mais um jornal que embora pequeno no número de páginas mas muito grande em conteúdo de artigos, e já agora falando no conteúdo de artigos aí vai uma pergunta que não espero resposta, não seria melhor fazer de certos artigos que são muito extensos sair em dois ou mais números ou então compor em tipo de letra mais pequeno para que se pu-

desse encher mais o jornal com mais artigos? Pois eu estou convencido que isto seria melhor embora desse mais trabalho, mas como um jornal como o nosso ELO que seja composto por dois linotipistas, não falando em mais, pode ser composto em dois dias então ficariam 13 dias para: emendar, paginar, imprimir e distribuir. Eu acho que esse tempo é suficiente para tudo isso e então porque não aperfeiçoar mais o aspecto gráfico do nosso jornal, então vou dar um exemplo como tal pelo menos para o cabeçalho: Podia-se tirar uma tiragem muito grande com todo o cabeçalho a cor o que parece que seja o vermelho, depois só se tirava a tiragem necessária para os assinantes e todas as quinzenas estavam sempre os cabeçalhos feitos e portanto seria só tirar uma cor ou seja o preto porque a outra cor, o vermelho, já estava feito, o que me parece que isso dava grandes vantagens na medida que se a máquina impressora estava a vermelho, tirava já para alguns números, o que me dá parecer que esta sugestão seja óptima, o que não quer dizer que eu esteja a ensinar o padre nosso a ninguém, pois uma opinião construtiva todos a devem ter, seja aceite ou não, não acham?

Armando Jorge Teixeira
Pinto Neves
Sócio N.º 1799
(Delegação do Porto)

Ponto de vista de um trabalhador da ADFA

O nosso jornal não é um jornal para enganar o povo, ele é escrito por alguns de nós deficientes, que sofremos no corpo e no espírito a opressão que o governo fascista nos impunha.

Nós lutamos por todos os meios pela reintegração de todos os deficientes que vivem marginalizados sem nunca lhes terem sido proporcionados meios de reintegração social.

Os deficientes vivem por todo o País abandonados ou presos às suas famílias sem poderem obter uma profissão, que faria parte da sua reabilitação profissional.

Os deficientes das Forças Armadas são um espelho desta Terra para que não mais haja desordens. Nós que fomos obrigados a combater contra os nossos irmãos de África, temos agora experiência da vida que sempre procuramos e que o governo sempre nos negou.

Hoje temos a nossa Associação formada com alguns postos de trabalho, para assim tirarmos da miséria deficientes a quem sempre lhes foi negado trabalho em qualquer estabelecimento particular ou do Estado.

Nós, infelizmente, ainda não temos tudo de acordo com os nossos anseios, pois temos necessidade de um Centro perfeitamente apetrechado, onde possamos executar uma reabilitação conforme as necessidades de cada deficiente.

Estamos esperanças que em breve serão criadas condições próprias para garantir um lugar digno a cada deficiente que deseje integrar-se na sociedade em que foi criado. Muitos vivem afastados dos seus familiares porque junto deles não têm condições materiais, pois uma grande parte deles não recebem pensão alguma e vivem pedindo esmola, o que é contra o espírito da nossa Associação.

Todo o deficiente tem direito a viver como qualquer outro cidadão, o que até agora não tem acontecido, porque o governo de Marcelo apenas ia dando auxílio a uma minoria, o que é de condenar, pois todos

são filhos do povo, e se na verdade estamos a criar uma sociedade socialista é bom que os senhores governantes olhem para o problema dos deficientes, pois eles como cidadãos que eram e que são merecem o respeito de todo o povo desta Terra.

VASCO SARAIVA
Sócio n.º 1273

ADFA

Delegações em funcionamento

Para uma melhor informação de todos os associados, esclarecemos e informamos quais as delegações a funcionar por Distritos:

DISTRITO DE BRAGA
VILA NOVA DE FAMALICÃO
Rua Adriano Pinto Bastos, 96-98 r/c

DISTRITO DO PORTO
PORTO
Rua Pedro Hispano, 1105 (ao Carvalhido)

DISTRITO DE BRAGANÇA
BRAGANÇA
Rua 1.º de Dezembro, 8

DISTRITO DE VISEU
VISEU
Rua Miguel Bombarda, 66

DISTRITO DE CASTELO BRANCO
CASTELO BRANCO
Largo da Sé Tribunal Velho

DISTRITO DE COIMBRA
COIMBRA
Rua Antero de Quental, 48 (instalações que pertencem à ADFA mas ainda não estão em funcionamento)

DISTRITO DE LEIRIA
PENICHE
Rua António da Conceição Bento, 3

DISTRITO DE ÉVORA
ÉVORA
Largo da Misericórdia

DISTRITO DE FARO
VILA REAL DE SANTO ANTONIO
Praça Marquês de Pombal, 33

Uma história sobre inquéritos

Saimos de Viseu, um dia ameaçando chuva. O nosso destino era MOIMENTA DA BEIRA, depois ARMAMAR, LAMEGO, RESENDE e CINFAES. Era uma equipa composta por dois Deficientes: O Correia e o Saraiva. Tinha-se decidido fazer o levantamento e proceder ao preenchimento dos inquéritos a deficientes e familiares de falecidos, naqueles concelhos, em sistema de contra-relógio, quer dizer, só depois de todos esses inquéritos realizados se regressaria a Viseu.

Chegados a Moimenta, numa manhã bastante fria, de imediato iniciámos o trabalho, que duraria mais de uma semana.

Lançamo-nos por aqueles caminhos de terra batida, cheios de buracos, denunciando claramente o esquecimento a que aquelas terras foram votadas pelo regime fascista. Claro que esse Governo não gastava dinheiro com o melhoramento desses caminhos, porque havia que manter uma guerra colonial que

devastava milhares de homens e atirava para a miséria o Povo Português, principalmente os mais desfavorecidos. Era o preço da guerra injusta.

Nesse dia contactámos vários deficientes e familiares de falecidos e chocou-nos a situação deplorável em que a maior parte deles vivem.

Junto à noite, encontrámos o Amílcar que nos prestou uma colaboração muito válida na detecção dos camaradas daquela zona, oferecendo-nos o jantar.

Aproveitamos aqui para lhe enviar os nossos agradecimentos.

Foi no dia seguinte, na freguesia de Castelo, que deparámos com o caso mais insólito. Entrámos nessa aldeia e procurámos o Fernando Teixeira e logo de imediato nos foi indicada a morada. É uma casa pobre, muito velha, mais parecendo uma palheira.

Atendeu-nos a irmã, Maria de Fátima, que nos disse que o seu irmão é deficiente mental, doença

adquirida na prestação do serviço militar. E que não era só o Fernando. Tem outro irmão, o Américo, que também é portador da mesma doença, adquirida quando cumpria o serviço militar.

Disse ainda que é mãe de quatro filhos e tem a sua mãe paralítica, de cama há ano e meio. Tem que cuidar da mãe e dos filhos e dos dois irmãos. Considera uma grande injustiça o Estado não ter atribuído qualquer pensão aos seus irmãos, pois o tratamento a que foram submetidos deixou-os em situação quase animal.

Que eles têm prejudicado muitas pessoas da aldeia e são escorregados por todos. Que os serviços de saúde mental sempre os desprezaram. Os seus irmãos antes de irem para a tropa eram sãos e vieram de lá assim. As autoridades militares não consideravam a doença em serviço, baseando-se na legislação fascista que ainda vigora, no que respeita à definição de Defi-

ciente. Lamenta a falta de tratamento hospitalar, porque talvez tivessem sido recuperados.

Camaradas, é esta a situação a que também chegaremos, enquanto formos subjugados pela fera fascista e capitalista.

Esta mulher, além da mãe e os filhos, trata de dois irmãos deficientes mentais, que, ainda hoje, continuam a não ser considerados deficientes das F.A. O marido desta mulher é emigrante e ameaça abandoná-la se ela continuar a zelar pelos irmãos.

Esta situação é vergonhosa, quando pensamos nas chorudas reformas dos oficiais superiores, administradores, indivíduos com altos cargos, etc., e os altos salários de muitos que trazem a palavra socialismo na boca, mas se esquecem e ignoram estas situações. É aqui que tem que chegar o socialismo, mas o verdadeiro.

ALMIRO PAIS CORREIA

NOTICIÁRIO

NACIONAL

TIMOR

Depois da declaração da independência de Timor-Leste, território que estava dado à administração de Portugal, pela Fretilin, movimento de libertação da província de Timor, assistiu-se à invasão da ilha pelas forças armadas da Indonésia, apoiando os movimentos que preconizam uma integração do território naquele país.

Portugal decidiu já cortar relações com a Indonésia e apelou para as Nações Unidas para este organismo intervir na solução do conflito. Entretanto os soldados da Fretilin, incapazes de fazerem frente às forças da Indonésia, refugiaram-se nas montanhas, enquanto em Dili, capital do território, mulheres e crianças eram chacinadas pelos invasores.

Recorde-se que poucas horas antes da invasão tinha passado pela Indonésia o Presidente dos Estados Unidos, Gerald Ford. Esta atitude da Indonésia mereceu já a condenação das Nações Unidas e de vários países.

UMA RESULTANTE DO 25 ABRIL

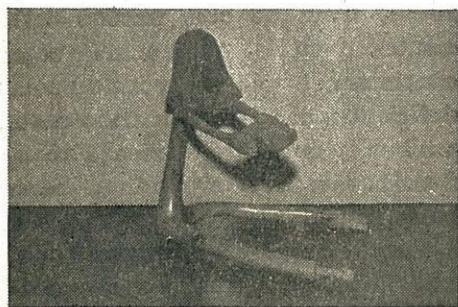
Todos os acontecimentos políticos verificados nos últimos dias e que se verificarão nos próximos foram e serão uma resultante do 25 de Novembro. Tal como logo após o 11 de Março se seguiram uma série de medidas, donde se destaca a nacionalização dos bancos e dos seguros, após o 25 de Novembro seguiu-se um certo conjunto de medidas com reflexos, pelo menos para já, sobretudo no campo político e militar. O órgão máximo do poder político-militar, o Conselho de Revolução, continua a ser campo de tendências, tal como se verificava dantes. Agora essas tendências são outras. Curiosamente, aqueles que antes do 25 de Novembro eram apontados como a direita do C. R. são agora apontados como constituindo a sua ala esquerda. Trata-se do grupo dos nove, pelo menos alguns. Efectivamente, a tendência conservadora, com pouca influência dentro do C. R., passa agora a marcar uma posição forte e a revelar uma tendência fortemente direitista. Mas, enquanto isto, as bases, os soldados nos quartéis, como fazendo parte do todo que continua a conduzir o processo, revolucionário ou não, não expressam as suas ideias, não marcam os seus pontos de vista, não pesam com o seu grande número. Aliás, o termo da participação directa das bases das Forças Armadas nos seus actos políticos verificou-se já quando do golpe de Tancos em que o grupo dos nove se afirmou como o mais forte dentro do MFA. A partir daí cessaram as sessões da Assembleia do MFA e os plenários nas Unidades começaram a ser mal vistos pela maior parte dos chefes da hierarquia militar.

Em Tancos, o grupo dos nove teve o apoio de uma grande maioria dos oficiais. Hoje esses oficiais com certeza que não os apoiariam, pelo menos em tão grande número.

Os membros do Conselho de Revolução que foram demitidos ainda não fo-

EXPOSIÇÃO NA ADFa

No último número fizemos uma referência à Exposição de Escultura Artesanal que tem estado patente ao pú-



Peça a que o autor deu a seguinte legenda: «Continua tudo na mesma»

blico na sede da Associação — Palácio da Independência, em Lisboa. Com a finalidade de dar uma ideia mais objectiva e clara sobre as obras executadas pelo artista, já que não temos palavras capazes de exprimir a beleza e a arte que as figuras encerram, reproduzimos aqui uma imagem captada pelo fotógrafo.

ram totalmente substituídos, no entanto, através das reuniões já efectuadas e dos seus comunicados finais é já conhecida a orientação a seguir. Apresentam-se, a seguir, algumas actividades e medidas relacionadas com esse órgão em especial e com as Forças Armadas em geral:

— Eleva-se a mais de uma centena o número de militares presos por suposta participação nos acontecimentos do 25 de Novembro. A maior parte destes militares encontram-se no estabelecimento prisional de Custóias. Entre os presos inclui-se o comandante Almada Contreiras que ainda no próprio 25 de Novembro fazia parte do Conselho de Revolução.

— Na sua recente tomada de posse de comandante da Região Militar de Lisboa, onde substituiu Otelio Saraiva de Carvalho, o brigadeiro Vasco Lourenço afirmou: «A Região Militar de Lisboa está na firme disposição de apoiar as organizações de base, desde que estas respeitem a democracia de base e não façam jogos partidários».

— Em recente Conferência de Imprensa o major Melo Antunes, apontado como ideólogo do grupo dos nove, disse: «De facto tem-se especulado com o regresso dos militares aos quartéis, especialmente por parte de algumas forças políticas». Na mesma Conferência de Imprensa Melo Antunes caracterizou os acontecimentos do 25 de Novembro como tratar-se de uma sublevação e não de um golpe, reservando-se, no entanto, até à conclusão do inquérito em curso.

— Por não se terem apresentado no Estado Maior General das Forças Armadas até ao limite do prazo estabelecido para tal, foram expulsos da Força Aérea onze militares acusados de estarem implicados no 25 de Novembro. Entre estes militares inclui-se o major Costa Martins, Ministro do Trabalho até ao V Governo Provisório.

— O Conselho de Revolução, em reunião de 11 de Dezembro decidiu proceder a reestruturação das F. A., estabelecer contactos com os partidos para uma imediata revisão do Pacto MFA/Partidos Políticos, extinguir o Tribunal Militar Revolucionário que havia sido criado para julgar os militares implicados no 11 de Março. Decidiu também, nesta reunião, nomear o capitão Marques Júnior para presidir à Comissão de Inquérito do 25 de Novembro.

GOVERNO E PARTIDOS POLITICOS

Se o PCP, o partido mais à esquerda dos três partidos do Governo, era acusado de desenvolver um papel de oposição em relação ao VI Governo Provisório, a partir do 25 de Novembro é o PPD, o partido mais à direita dos três partidos do Governo, que é acusado de contestar a composição do VI Governo. Efectivamente, o Partido Popular Democrático chegou a exigir, através do seu secretário geral, dr. Sá Carneiro, a saída do PCP do Governo. Esta posição, que parecia intransigente, ia lançando o Governo em mais uma crise, visto que o PS não concordava com a posição do PPD. A crise não chegou a ter lugar e veio a verificar-se um entendimento entre os partidos.

— O PPD decidiu, no Congresso realizado em Aveiro, participar no Governo com o PCP. Entretanto, durante o II Congresso do PPD, devido à posição direitista e individualista do seu secretário geral, dr. Sá Carneiro, verificou-se uma cisão no próprio partido, tendo-o abandonado membros da considerada ala esquerda. Entre estes contam-se mais de 20 deputados à Assembleia Constituinte, agora como independentes, e alguns membros do Governo.

O PCP, por seu lado, através do seu secretário geral, dr. Álvaro Cunhal, torna pública a sua intenção de pretender continuar a ser um partido do Governo.

FAMILIARES DOS MILITARES PRESOS PROTESTAM

Os familiares das dezenas de militares presos, acusados de estarem implicados nos acontecimentos de 25 de Novembro, organizaram-se, têm feito reuniões e lutam pela melhoria de condições dos presos em Custóias e exigem a sua libertação imediata.

Uma comissão representante dos familiares dos militares detidos foi recebida pelo Presidente da República, tendo-lhe este afirmado: «Vou tentar suavizar o mais possível os vossos males». Na moção que entregaram ao Presi-

dente da República referem-se a dado passo: «Os nossos maridos e familiares não são inimigos do Povo nem traidores à Pátria, mas sim homens que acreditam que a liberdade se conquista lutando lealmente ao lado dos trabalhadores e não produzindo golpes de gabinete».

ESTRANGEIRO

ESPAÑA — O FRANQUISMO CONTINUA

Após a morte de Franco, foi proclamado rei de Espanha Juan Carlos, soberano que havia sido escolhido pelo ditador falecido. Enquanto a esquerda espanhola aguardava a morte de Franco para se iniciar uma nova era, a ultra-direita tudo fazia para a perpetuação do regime. O novo rei, embora adepto duma lenta liberalização, acaba de provar que se mantém fiel e continuador do franquismo. O primeiro-ministro do seu novo governo é precisamente o mesmo do último governo de Franco.

LUTA DE SOLDADOS NA FRANÇA

Talvez influenciados pelo Movimento das Forças Armadas português, e pela liberdade e possibilidade de os militares em Portugal se exprimirem e organizarem-se na luta pelos seus direitos, os militares franceses começaram a organizar-se em comissões e exigem a criação de órgãos internos que os representem. Esta atitude dos soldados franceses está a causar preocupações nos meios políticos, até porque algumas forças de esquerda apoiam os soldados nas suas lutas.

ANGOLA

Enquanto Kissinger Secretário de Estado norte-americano, põe a hipótese de uma intervenção directa dos Estados Unidos em Angola, o Congresso contesta essa hipótese, baseando-se no desastre americano no Vietname e no Cambodja.

Entretanto o primeiro-ministro do governo da República Popular de Angola (MPLA) declarou que Angola seguirá os princípios da independência nacional e do não-alinhamento.

DECRETO-LEI

(Continuação da 1.ª pág.)

fesa Nacional para o envio da Comissão da ADFa que seria ouvida.

Em posterior contacto telefónico com o Chefe de Gabinete do M.D.N. fomos informados que o seu Gabinete não tinha conhecimento dessa nota do S. de Apoio ao C. R. Posteriormente indo a despacho o Chefe de Gabinete do Ministério da D.N. inteirou-se que o 1.º Ministro que acumula as funções do M.D. não estava a par da comunicação do S.A.C.R. para a ADFa e que a considerava falsa.

Face a isto a Direcção da ADFa solicitou uma audiência ao C.S.R., audiência esta que ainda não foi concedida.

Os Deficientes das Forças Armadas desenvolveram uma luta difícil, quer nos Gabinetes, quer depois na rua. Não obstante, os resultados estão à vista: reafirmação da política de antes do 25 de Abril de 1974, no que respeita aos deficientes. Mas a luta dos homens pelos seus direitos não cansa, não causa fadiga nem desânimo. É neste sentido que os deficientes estão em luta, que todo o povo trabalhador está em luta, numa luta permanente, que só terminará na vitória final.

Eis a cópia do documento do C. R. considerada falsa pelo Primeiro-Ministro:

SERVIÇOS DE APOIO DO CONSELHO DE REVOLUÇÃO

SECRETARIADO COORDENADOR
AV. ILHA DA MADEIRA — LISBOA 3

Associação dos Deficientes das Forças Armadas
c/ conhecimento Gabinete do Primeiro Ministro

S/ REF.º	PROC.º	DATA	N/ REF.º	PROC.º	DATA
			10261		24. NOV. 1975

ASSUNTO:

Em resposta à V/carta de 20/11/75, cumpre comunicar-lhes que o assunto foi exposto em reunião do Conselho da Revolução de 20 do corrente, tendo o Sr. Primeiro Ministro comunicado que o projecto de decreto nele referido, só será promulgado após ser apreciado pela Comissão constituída pelo Gabinete do Ministério da Defesa e pelos Delegados dessa Associação.

Com os melhores cumprimentos

O PRESIDENTE DOS SACR

ANTÓNIO ALVA-ROSA COUTINHO
Vice/Alm.